



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1010>

## **Relações ressonantes na pandemia: como o vírus afeta a dinamização da vida?**

*Resonant relationships in pandemic: how does the virus affect life  
dynamization?*

*Rafaela Weber Mallmann<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Considerando as mudanças climáticas, políticas, sociais e ambientais que ocorrem em escala global, o presente trabalho busca demonstrar aspectos teóricos sobre tais mudanças e relacioná-las com o Covid-19, bem como demonstrar de que modo a pandemia afeta a vida social. Para tanto, será utilizada como base a ideia de aceleração de Hartmut Rosa a fim de demonstrar o contexto atual a partir de sua análise sociológica das mudanças estruturais. Ainda, é demonstrado como as desigualdades sociais tornam-se mais acentuadas nesse contexto, dificultando as relações ressonantes. Para a realização deste trabalho são utilizadas bibliografias de Rosa e obras correlatas que permitam o aprofundamento da discussão.

Palavras-chave: Pandemia. Aceleração. Ressonância. Desigualdades.

### **Abstract**

Considering the climatic, political, social and environmental changes that occur on a global scale, the present work seeks to demonstrate theoretical aspects about such changes and to relate them to Covid-19, as well as to demonstrate how the pandemic affects social life. To this end, Hartmut Rosa's idea of acceleration will be used as a basis in order to demonstrate the current context from his sociological analysis of structural changes. Still, it is demonstrated how social inequalities become more accentuated in this context, making resonant relationships more difficult. To carry out this work, Rosa's bibliographies and related works are used to allow a deeper discussion.

Keywords: Pandemic. Acceleration. Resonance. Inequalities.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Bolsista Capes/Proex.  
E-mail: rafa.w.mallmann@hotmail.com

## Considerações iniciais

O Brasil possui mais de 190.000 mortes pelo Sars-CoV-2, coronavírus, ou Covid-19. Identificado inicialmente na China em Wuhan, no dia 01 de dezembro de 2019, o primeiro caso de contaminação se deu em 31 de dezembro de 2019. No Brasil, o primeiro caso de contaminação ocorreu dia 26 de fevereiro de 2020, em um homem de 61 anos que viajou à Itália. Em 11 de março do mesmo ano a Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia de coronavírus e os governos iniciaram a organização das medidas de isolamento social no país.

Esse cenário pandêmico evidenciou as desigualdades existentes no Brasil, que podem ser analisadas a partir das categorias de raça, gênero e classe social. Nesse contexto, os estudos de Hartmut Rosa contribuem para uma reflexão sobre o fenômeno da aceleração na modernidade podendo ser relacionado diretamente com a atual realidade pandêmica do país. Desse modo, o presente trabalho busca demonstrar a relação entre os fenômenos aceleratórios, as mudanças estruturais que ocorrem de forma planetária e o surgimento do Covid-19, bem como implicações do vírus na vida social. Para esse estudo, serão utilizados textos publicados no ano de 2020 referentes ao contexto pandêmico, os estudos de Hartmut Rosa e referenciais teóricos variados que permitem aprofundar o conhecimento sobre o tema.

## A aceleração social e o contexto pandêmico

Hartmut Rosa afirma que “as sociedades modernas são distinguíveis pelo fato de só poderem estabilizar e reproduzir seus domínios e sua estrutura dinamicamente”, de modo que “elas ganham estabilidade *no e pelo movimento*”. Ao propor uma definição, demonstra que “uma sociedade é moderna quando apenas consegue se estabilizar dinamicamente; quando é sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura” (ROSA, 2019, p. XI). Nesse contexto, demonstra a existência da tríade crescimento (dimensão material-factual), aceleração (dimensão temporal) e adensamento de inovações (social), de um único processo de dinamização, que define como aumento quantitativo por unidade de tempo, sendo esta a base de sua teoria da aceleração.

Rosa (2019) afirma que os seres humanos buscam realizar experiências de ressonância na natureza, na arte, na religião e ao tratar com coisas específicas como no trabalho ou em contextos sacrais de ação. No amor, na amizade e na ação política democrática há manifestações de ressonância. Nas partes envolvidas, encontram-se duas ou mais vozes que permitem o envolvimento mútuo, sendo tais relações de ressonância social ou horizontal, tendo em vista que ocorrem, geralmente, entre duas entidades equivalentes ou similares.

A ressonância não diz respeito a um estado emocional, mas a um modo relacional (*Beziehungsmodus*) em que o sujeito e o mundo “colocam-se em uma relação responsiva (*Antwortverhältnis*)” (ROSA, 2019, p. XXXI). Essas experiências de encontro genuíno podem ser encontradas “onde indivíduos entram em contato com algo que se lhes dirige e envolve sua existência como um todo, podemos identificar também, em todas as culturas, algo como eixos de ressonância vertical ou existencial, os quais tocam os sujeitos com uma ‘abrangência’” (ROSA, 2019, p. XXXIII). A manifestação de ressonância vertical é observada na arte, religião e natureza. No caso de objetos e artefatos, essas relações podem se dar por ser um objeto responsivo e munido de voz própria, tal como as flores para o jardineiro, a farinha do pão para o padeiro e o texto ao jornalista, sendo estas reconhecidas como ressonância material ou diagonal.

Rosa afirma que ressonância, diferente do reconhecimento, representa um dos mais abrangentes e mais profundos conceitos. Ainda que “em contextos de relações horizontais, ressonância e reconhecimento não são o mesmo”, tendo em vista que “enquanto reconhecimento (sobretudo o reconhecimento jurídico) se permite fixar e acumular, o conceito de ressonância descreve um acontecer processual, sempre dinâmico e bilateral”. Afirma que “apesar de alguns eixos de ressonância poderem se institucionalizar, a ressonância enquanto tal jamais se deixa institucionalizar ou fixar”, pois ela é o que “ocorre momentaneamente entre dois atores ou entidades, enquanto o reconhecimento pode ser unilateralmente perdido”. Assim, a ressonância “se dá na condição de um elo dinâmico” (ROSA, 2019, p. XXXIV-XXXV).

Para Rosa, é possível “conceituar ressonância como *o outro* da alienação”. A noção de Rosa de alienação é compartilhada também por Rahel Jaeggi, em que afirma que “alienação pode ser compreendida como uma relação de insuficiência relacional” (JAEGLI, 2005, apud ROSA 2019, p. XXXVII), dizendo respeito a um

modo de relação no qual sujeito e mundo se colocam um ante o outro intrinsecamente desconcentrados, no qual a assimilação de um fragmento do mundo fracassa” (ROSA, 2019, p. XXXVII), podendo ocorrer nas três dimensões: social, material ou existencial.

Na alienação, a relação do sujeito do com o mundo é experienciada como algo alheio, indiferente ou até mesmo hostil, sendo as duas facetas de estranhamento convergidas em um gélido silêncio. A manifestação mais radical dessa relação se dá na “experiência do *bornout* ou da depressão, que se caracteriza pelo fato de o mundo se nos opor, como em um todo, como algo paralisado, atônito, frio, pálido e silente, ao mesmo tempo que nos experienciamos a nós mesmos como vazios, mortos e desatados”, sendo nesse estado que “os eixos de ressonância cessam, entre nós e o mundo não se estende mais uma corda de ressonância” (ROSA, 2019, p. XXXVII-XXXVIII).

Anos mais tarde, ao escrever a obra *Ressonância*, Rosa analisa minuciosamente a relação complexa entre alienação e ressonância, propondo novas observações. Tratar a ressonância como o outro da alienação foi considerado demasiado fácil para Rosa, pois “apenas algo que é e permanece totalmente diferente pode realmente nos falar na sua própria voz.” Assim, argumenta que a ressonância não é consonância, tendo em vista que “ela requer a presença ativa de algo que está além do meu alcance, evasivo e, nesse sentido, permanece estranho”. Desse modo, “a tentativa de transformar o mundo em uma esfera de ressonância abrangente não levaria apenas à política totalitária, mas destruiria a possibilidade de ouvir a voz do outro – e, portanto, ao final, de discernir a própria voz”. Rosa aponta como exemplo a “fase biográfica da puberdade e adolescência” que “ilustra muito bem a relação dialética entre alienação e ressonância: na puberdade, o jovem torna-se alienado de quase tudo o que uma vez ressoou com ele – seus pais, irmãos, professores, até mesmo o próprio corpo”. Entretanto, “esse processo de alienação é absolutamente inevitável para o jovem desenvolver sua própria voz individual e descobrir quais são os seus “verdadeiros” eixos de ressonância”. Assim, afirma que “se a puberdade é uma fase de alienação, ela está em uma relação verdadeiramente dialética com a ressonância” (SCHIERMER, 2019, p. 08-09).

Rosa propõe quatro elementos centrais de uma relação de ressonância:

1. Afetação: a experiência de um “chamado” que vem de fora (de uma coisa, de uma pessoa, de uma ideia, de uma melodia ou mesmo de uma paisagem), pelo qual o sujeito sente-se internamente tocado, movido ou mesmo tomado.
2. Autoeficácia: ao contato segue-se uma resposta autoeficaz do sujeito, na qual este realiza a experiência de também conseguir, por sua vez, alcançar e mover o outro lado. Essa “resposta possui frequentemente uma dimensão afetiva e física. Justamente através dela sente-se o sujeito vivaz, vinculado e capacitado para agir.
3. Transformação: como consequência de uma relação de responsividade ressonante, ambos os lados se convertem; sujeito e objeto não permanecem os mesmos. Ressonância provoca, assim, uma transformação dinâmica do eu e do mundo. Ela demanda que sujeito e mundo sejam suficientemente “fechados” ou consistentes, de modo a falarem com “voz própria” e suficientemente abertos, para que possam se afetar/alcançar e se transformar.
4. Indisponibilidade: ressonância é indisponível em dois sentidos: primeiramente, ela não pode, sob qualquer circunstância, ser imposta – seu surgir e sua duração são incertos. Por fim, relações de ressonância são constitutivamente imprevisíveis em relação a seus resultados: o que deriva da transformação não se deixa antever (ROSA, 2019, p. XLI).

Nesse sentido, “experiências de ressonância são continuamente momentâneas. São eventos que não se põem à disposição; não podem ser controlados em sua duração” (ROSA, 2019, p. XLII). São os eixos de ressonância que possibilitam realizar essa experiência, e Rosa utiliza como exemplo na cultura ocidental moderna a ópera e festivais de rock para muitas pessoas.

A hipótese central de sua investigação na obra *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade* é que “a sociedade moderna pode ser entendida como ‘sociedade da aceleração’ no sentido de que ela contém em si (através de inúmeros pressupostos estruturais e culturais) uma junção de ambas as formas de aceleração”, sendo a “aceleração técnica e a intensificação do ritmo de vida através da redução de recursos temporais - e da tendência à aceleração e ao crescimento” (ROSA, 2019, p. 135).

Nesse contexto, Rosa aponta que “a intensificação do ritmo de vida e a falta de tempo da Modernidade surgem não *devido à*, mas *apesar de* quase todas as áreas da vida social serem marcadas pelo enorme ganho de tempo resultante da aceleração”. Assim, a aceleração do ritmo de vida e a escassez de tempo devem ser “consequências do aumento quantitativo logicamente independente dos processos da aceleração técnica: produzimos, comunicamos e transportamos não apenas mais rápido, mas também em maior volume do que em todas as outras épocas sociais anteriores”. Nesse sentido, uma escassez de recursos temporais, só pode acontecer nos casos em que se necessita mais tempo para cumprir uma determinada carga de

tarefas, através da desaceleração técnica ou quando “taxas de crescimento (da produção de bens e serviços, do número de comunicações estabelecidas, de percursos percorridos de tarefas a serem cumpridas) superam as taxas de aceleração dos processos correspondentes” (ROSA, 2019, p. 133), sendo neste último caso constatada a ocorrência concomitante das acelerações técnicas e do ritmo de vida.

Conforme os índices de crescimento superam os de aceleração, aumenta-se a carência de tempo, e quanto mais a aceleração supera o crescimento, menor a escassez de tempo e maior a liberação de recursos temporais. Em caso de ambos os índices de aumento serem idênticos, independentemente de serem altas ou baixas as taxas de aceleração, a velocidade de vida ou a escassez do tempo não se modifica (ROSA, 2019).

Rosa afirma que devido à aceleração técnica, o tipo e a forma de “estar no mundo” das pessoas sofreu alterações. Essa mudança do estar no tempo e espaço e as relações com os demais, “revolucionou as formas de interpretação do eu e do mundo” e “influenciou profundamente a configuração da subjetividade e da sociedade” (ROSA, 2019, p.189). Para o sociólogo, o ritmo das mudanças na modernidade tardia (em que considera sua condensação nos anos 1990) alcançou uma velocidade intrageracional. Cita como exemplo a conversa entre avó e neto em que se refeririam ao “meu tempo e seu tempo” como algo que perde o sentido, tendo em vista que “ambos poderiam concordar que, neste exato momento, o Brasil ou a Alemanha são países democráticos, mas talvez amanhã as coisas sejam diferentes”. Assim, inicia-se “um tipo de mudança errática e impulsiva, de modo que perdemos a sensação de mover-se para frente” (TZIMINADIS, 2017, p. 371).

Os casos de dessincronização são apresentados por Rosa como um fenômeno natural, que surgem em processos que não são passíveis de aceleração, tais como processos corporais. Cita como exemplo a gestação que dura em média 09 meses ou fenômenos como o dia que dura 24 horas. Há também coisas que podem acelerar mas não irão, e outras que são intencionalmente desaceleradas, como momentos em que as pessoas buscam formas de descansar para aumentar a disposição a fim de uma posterior aceleração (TZIMINADIS, 2017).

Sobre o questionamento de se “la aceleración es una característica independiente de la modernidad o simplemente una perspectiva desde la cual sus procesos esenciales (individualización, domesticación, racionalización,

diferenciación) se puede reinterpretar”, Rosa afirma que cada um dos processos está conectado com o aumento de velocidade, “la individualización puede ser tanto una causa como un efecto de la aceleración, ya que los individuos son más móviles y adaptables al cambio y más rápidos en la toma de decisiones que los colectivos”. Ainda, argumenta que uma das principais razões e consequências da diferenciação organizacional “es la aceleración de los procesos sistémicos, y lo mismo ocurre con la racionalización como el aumento de las relaciones medios-fines y con la domesticación como un aumento del control instrumental” (ROSA, 2011, p. 44).

Rosa sugere que “la aceleración es un rasgo constitutivo e irreducible de la modernización por al menos tres razones”. Primeiro, destaca que a existência humana individual e coletiva são em sua essência, temporais e processuais. Assim, as mudanças nas estruturas temporais são também mudanças na existência individual e coletiva. Desse modo, apenas com mudanças significativas na temporalidade que a natureza e o impacto da modernização poderão ser plenamente visíveis. Segundo, “la aceleración social pone de manifiesto la lógica unitaria que subyace bajo cada una de las cuatro dimensiones de la modernización”. E por fim, em terceiro, apenas a partir de uma “perspectiva temporal podemos comprender en su totalidad las transformaciones fundamentales en la sociedad contemporánea, la cuales son el resultado de la aceleración social dentro del marco inalterado de la modernidad” (ROSA, 2011, p. 45), entretanto, mais além dos limites da integração e autonomia social e individual. Essas transformações, para Rosa, expressam-se em uma revolução social silenciosa que surge como consequência de uma mera mudança quantitativa no âmbito da velocidade, mas possui em si como resultado uma forma radical e qualitativa de mudança.

O fenômeno da aceleração pode ser compreendido como diretamente relacionado ao contexto pandêmico do Sars-Cov-2, Covid-19. A forma de produção acelerada e cada vez utilizando mais recursos limitados da terra leva a uma dessincronização entre essa forma de produção e o meio ambiente, o que faz com que não haja uma regeneração a tempo para compensar a destruição que a humanidade gera no planeta. Nesse contexto, questões como mudanças climáticas e ambientais acentuam e propiciam cada vez mais um ambiente de propagação de agentes nocivos à saúde.

Paul Preciado ao escrever sobre a pandemia do Covid-19, afirma que em 1994 a antropóloga da Universidade de Princeton, Emily Martin, analisou a relação entre

imunidade e política, durante a crise da pólio e da Aids, na cultura americana. Aplicando algumas das conclusões do estudo de Martin ao contexto atual, Preciado demonstra que para ela, a imunidade corporal não é apenas um mero feito biológico independente das variáveis culturais e políticas, mas a imunidade se constrói coletivamente por meio de critérios sociais e políticos que produzem alternativamente “soberanía o exclusión, protección o estigma, vida o muerte” (PRECIADO, 2020, p. 166).

A equação “dime cómo tu comunidad construye su soberanía política y te diré qué formas tomarán tus epidemias y cómo las afrontarás” é interpretada por Preciado como a atual forma de compreender as pandemias. Afirma que “las distintas epidemias materializan en el ámbito del cuerpo individual las obsesiones que dominan la gestión política de la vida y de la muerte de las poblaciones en un periodo determinado”. Referenciando aos estudos de Foucault, afirma que “una epidemia radicaliza y desplaza las técnicas biopolíticas que se aplican al territorio nacional hasta al nivel de la anatomía política, inscribiéndolas en el cuerpo individual”. Nesse contexto, a epidemia também permite entender as medidas de imunização política que foram aplicadas “hasta ahora de manera violenta frente aquellos que habían sido considerados como ‘extranjeros’ tanto dentro como en los límites del territorio nacional”. (PRECIADO, 2020, p. 167).

Preciado (2020) afirma que o vírus atua conforme nossa imagem e semelhança, replicando, materializando, intensificando e estendendo a toda a população as formas dominantes de gestão necropolítica e biopolítica que estavam sendo trabalhadas no território nacional e em seus limites. Assim, demonstra que as sociedades se definem pela epidemia que as ameaçam, e pela forma como as enfrentam.

Remetendo aos estudos de Derrida, Preciado afirma que para o autor, o vírus é sempre o outro, o estrangeiro. Antes do surgimento do Covid-19, havia já um processo de mutação planetária, regida por mudanças políticas e sociais profundas. Com a expansão do capitalismo colonial, houve a passagem de uma sociedade oral para uma sociedade escrita, “de una forma de producción feudal a una forma de producción industrialesclavista” e ainda, “de una sociedad teocrática a una sociedad regida por acuerdos científicos en el que las nociones de sexo, raza y sexualidad se convertirían en dispositivos de control necro-biopolítico de la población”. Atualmente há a passagem de “una sociedad escrita a una sociedad ciberoral, de una

sociedad orgánica a una sociedad digital, de una economía industrial a una economía inmaterial” e ainda “de una forma de control disciplinario y arquitectónico, a formas de control microprostéticas y mediaticocibernéticas”. Preciado denomina de farmacopornográfica “al tipo de gestión y producción del cuerpo y de la subjetividad sexual dentro de esta nueva configuración política” (PRECIADO, 2020, p.170).

As mudanças que estão ocorrendo com a humanidade transformam também o corpo e a subjetividade contemporâneas, que já não são mais regulados apenas pela passagem pelas instituições disciplinares, mas pelo conjunto de “tecnologías biomoleculares, microprostéticas, digitales y de transmisión y de información”. Ainda, referente ao campo da sexualidade,

la modificación farmacológica de la conciencia y del comportamiento, la mundialización de la píldora anticonceptiva para todas las “mujeres”, así como la producción de la triterapias, de las terapias preventivas del sida o el viagra son algunos de los índices de la gestión biotecnológica (PRECIADO. 2020. p. 171).

Nesse contexto, os índices dessa nova gestão “semiotio-técnica digital” são vislumbrados a partir de “la extensión planetaria de Internet, la generalización del uso de tecnologías informáticas móviles, el uso de la inteligencia artificial y de algoritmos en el análisis de big data” e ainda “el intercambio de información a gran velocidad y el desarrollo de dispositivos globales de vigilancia informática a través de satélite”. Preciado afirma que denominou essas formas de pornográficas, “es, en primer lugar, porque estas técnicas de biovigilancia se introducen dentro del cuerpo, atraviesan la piel, nos penetran; y en segundo lugar, porque los dispositivos de biocontrol ya no funcionan a través de la represión de la sexualidad (masturbatoria o no)” mas através “de la incitación al consumo y a la producción constante de un placer regulado y cuantificable. Cuanto más consumimos y más sanos estamos mejor somos controlados”. Assim, essa mutação também pode ser a mudança de um regime patriarco-colonial e extrativista de uma “sociedad antropocéntrica y de una política donde una parte muy pequeña de la comunidad humana planetaria se autoriza a sí misma a llevar a cabo prácticas de predación universal, a una sociedad capaz de redistribuir energía y soberanía”. Ou até mesmo de uma sociedade de “energías fósiles a otra de energías renovables”. Assim, é no contexto desta ‘mutación, de la transformación de los modos de entender la

comunidad (una comunidad que hoy es la totalidad del planeta) y la inmunidad donde el virus opera y se convierte en estrategia política” (PRECIADO, 2020, p. 172-173).

As transformações que ocorrem através da gestão do vírus estão mudando em escala planetária o modo de compreender a soberania em um contexto em que as formas de identidade sexual e racial, que foram utilizadas como maneira de segmentação política do mundo patriarco-colonial, estão sendo desarticuladas. A pandemia do Covid-19 “ha desplazado las políticas de la frontera que estaban teniendo lugar en el territorio nacional o en el superterritorio europeo hasta el nivel del cuerpo individual”. Assim. O corpo individual como espaço vivo, com poder, reconhecido como o centro da produção e consumo de energia se converte no novo território em que são inseridas as agressivas políticas da fronteira que “llevamos diseñando y ensayando durante años se expresan ahora en forma de barrera y guerra frente al virus”. Essa nova fronteira necropolítica

se ha desplazado desde las costas de Grecia hasta la puerta del domicilio privado. Lesbos empieza ahora en la puerta de tu casa. Y la frontera no para de cercarte, empuja hasta acercarse más y más a tu cuerpo. Calais te explota ahora en la cara. La nueva frontera es la mascarilla. El aire que respiras debe ser solo tuyo. La nueva frontera es tu epidermis. El nuevo Lampedusa es tu piel. Se reproducen ahora sobre los cuerpos individuales las políticas de la frontera y las medidas estrictas de confinamiento e inmovilización que como comunidad hemos aplicado durante estos últimos años a migrantes y refugiados —hasta dejarlos fuera de toda comunidad—. Durante años los tuvimos en el limbo de los centros de retención. Ahora somos nosotros los que vivimos en el limbo del centro de retención de nuestras propias casas (PRECIADO, 2020, p.175).

Voltando aos estudos sobre Hartmut Rosa, pode-se interpretar que a pandemia atinge seus efeitos sobre as diversas formas da aceleração social adotadas pelo sociólogo. Os que parecem “ter sofrido maior alteração estão relacionados ao transporte, à produção, às mudanças sociais e ao ritmo de vida”. Ainda, as tecnologias possibilitam a comunicação à distância, mas a “experiência do confinamento e do afastamento social transforma as relações, bem como altera a vivência espacial e temporal, cujo impacto macrosocial ainda não somos capazes de prever e definir precisamente”. Desse modo, o confinamento garantiu um “freio abrupto que atinge a produção, assim como a própria sociabilidade, com eventuais dessincronizações e perdas de ressonância nas relações sociais” (CASTRO, 2020, p. 98-99).

Essas perdas de ressonância são sentidas principalmente em relação à falta de contato físico social. Abraçar se torna um ato perigoso, em que a maior demonstração de afeto se dá com o afastamento. Shows e festivais, já demonstrados por Rosa como formas de ressonância, não são permitidos. Cada vez mais a existência se torna complexa a ponto de diariamente ser necessário buscar novas formas de manter a ressonância para evitar a alienação, manifestada atualmente como a experiência do *bornout* e a depressão. Transtornos de ansiedade despertam na população o sentimento resultante do isolamento, em que o corpo começa a responder à falta de estímulos de ressonância.

Pelo fato de as formas de ressonância se darem de acordo com cada ser humano, sendo íntimo entre sua subjetividade e algo que lhe agrada a ponto de criar uma ponte ressonante, as manifestações desse fenômeno e a falta dele não se dão de maneira igual. O que ocorre é que algumas pessoas possuem mais possibilidade de manter essas relações de ressonância do que outras, no contexto pandêmico. Isso se dá pelo acesso a determinadas ações e possibilidades, por exemplo, de poder realizar os trabalhos de forma remota, com o *home office*, e assim poder conviver com a família sem colocar em risco a vida de cada um. Mas nem todos têm a possibilidade de ficar em casa, o que faz com que seja traçado um perfil de quem é mais afetado pela pandemia. E diante disso, como já mencionado, a impossibilidade de manter a ressonância leva muitas pessoas a terem principalmente a saúde mental afetada.

Nesse contexto, tem-se como exemplo as trabalhadoras domésticas no Brasil, que segundo a Organização Internacional do Trabalho, o país contém o maior número de trabalhadoras domésticas remuneradas. Estas representam o segundo maior grupo ocupacional de mulheres no Brasil, estando atrás apenas do comércio. Em 2018, o equivalente a 5,7 milhões de mulheres concentravam-se em atividades do trabalho doméstico (FLACSO BRASIL, 2020).

As trabalhadoras domésticas correm um maior risco de desenvolverem um quadro grave de Covid-19, tendo em vista que a idade média dessa categoria de trabalhadoras está aumentando. Ainda, esse risco é agravado por fatores como a pobreza e condições de vida precárias, considerando ainda a necessidade que muitas têm de passar por longos trajetos até o local de trabalho necessitando de transportes públicos que geralmente estão superlotados. A situação das trabalhadoras domésticas já era complicada antes da pandemia do Covid-19, tendo

em vista que os trabalhos informais e precários estavam em crescimento, e as desigualdades sociais históricas do país seguem sendo agravadas pelo governo que tem dado legitimidade a esse avanço das desigualdades. De acordo com o IBGE, “o desemprego no Brasil aumentou em 11,6% no trimestre encerrado em fevereiro, o último antes da pandemia se espalhar pelo país, abarcando 12,3 milhões de desempregados”. Enquanto isso, “o Brasil registrou 206 bilionários em 2019, com uma fortuna total de R\$ 1.205,8 bilhões (17,7% do PIB brasileiro)”, o que “demonstra que para além da pobreza, as desigualdades sociais sistêmicas de vários tipos são predominantes no país” (FLACSO, 2020).

Quanto à situação de moradores das favelas, também enfrentam dificuldades. O ativista Raull Santiago, fundador do coletivo Papo Reto e morador do Complexo do Alemão, publicou em seu Twitter que “as dicas sobre prevenção e tentativas de evitar a proliferação do covid-19 são muito importantes, mas falhas, quando não contemplam a realidade de uma grande parte da população do país”. Afirma que quanto ao fato de lavar bem as mãos, não há água sempre disponível para parte da população. “Nós economizamos água não apenas por consciência, mas também por sobrevivência. Lavar a mão o tempo inteiro, não é uma possibilidade”, acrescenta ainda que vivem seis pessoas em sua casa, e ainda necessitam lutar pelo direito à água na residência. Ainda lutamos pelo direito à água aqui”. Sobre a quarentena, diz ser impossível: “É parede com parede, tem casa de dois, três cômodos com seis pessoas morando. Como faz? Qual o caminho? Para onde seguir com essas dicas de prevenção?”, questionou na rede social (BETIM, 2020).

A desigualdade no Brasil é observada nas áreas de saúde, educação, lazer, transporte e moradia, envolvendo questões econômicas, de renda, racial, regional, de gênero e social. Em referência ao relatório publicado pela Oxfam Brasil de 2018, Lilia Schwarcz demonstra que em de 2017 o Brasil ocupou o 9º lugar no ranking global de desigualdade de renda. O país reconhecidamente possui um longo período de escravidão, além de um passado colonial, em que grandes latifúndios possuíam domínio absoluto e concentravam a renda. Os setores mais vulneráveis da sociedade são privados de receber benefícios que o setor público deveria proporcionar com maior equanimidade, devido ao predomínio dos interesses privados sobre os públicos (SCHWARCZ, 2019). A partir de uma perspectiva das desigualdades que assolam o país, questões como o avanço dos trabalhos informais tornam precárias as formas de vida de grande parte da população que não tem acesso a um emprego

que lhe garanta seus direitos de maneira efetiva, e nesse cenário, a mulher negra ainda é a mais afetada.

No Brasil, conforme relatório Think Olga (2020), mais de 13 milhões de pessoas sobrevivem abaixo da linha da pobreza, com uma renda média de até R\$145,00 mensais. A maioria é composta por mulheres, negras, mães, chefes de família que sustentam seus lares sozinhas, sendo que algumas trabalham como empregadas domésticas, autônomas, microempendedoras individuais e trabalhadoras informais, enquanto outras são desempregadas que sobrevivem fazendo bicos e recebendo os escassos e precários auxílios do Estado.

Sustentando os pilares da estrutura econômica e trabalhista do país, a herança colonial e racista em que o Brasil se desenvolveu ao longo da história ainda designa à mulher negra a posição de maior vulnerabilidade econômica e de segurança. Angela Davis (2016, p. 17) afirma que “proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas”, sendo que o espaço atual que o trabalho ocupa na vida das mulheres negras, é uma reprodução do padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão.

Considerando o processo colonizador no Brasil e a forma de pensamento advinda desta época até os dias atuais, é necessário refletir sobre as raízes desse pensamento. Em *crítica da razão negra*, Achille Mbembe afirma que o pensamento europeu possui a tendência de abordar a identidade “não em termos de pertença mútua (co-pertença) a um mesmo mundo, mas antes na relação do mesmo ao mesmo, de surgimento do ser e da sua manifestação no seu ser primeiro, ou ainda, no próprio espelho” (MBEMBE, 2014, p. 10). O Negro e a raça, para as sociedades europeias, possuem o mesmo significado. Desde o início do século XVIII, as “designações primárias, pesadas, perturbadoras e desequilibradas, símbolos de intensidade crua e de repulsa” surgem no discurso moderno sobre o homem e consistindo no núcleo complexo a partir do qual o projeto moderno de conhecimento se difundiu. Assim, para Mbembe, são “duas figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu” (MBEMBE, 2014, p. 10-11).

Ao questionar a que se deve este delírio, Mbembe afirma que primeiro se dá ao fato de o Negro ser aquele que “vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender”, assim, onde quer que apareça, “o Negro liberta dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que tem abalado o próprio sistema racional”. Em seguida, deve-se ao fato

de que “ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal” (MBEMBE, 2014, p.11). Referenciando Gilles Deleuze, Mbembe afirma que há sempre um negro no delírio, pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças.

Reduzindo “o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euro-americanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura” sendo a “loucura codificada”. Assim, funcionando “simultaneamente como categoria originária, material e fantasmagórica, a raça tem estado, no decorrer dos séculos precedentes, na origem de inúmeras catástrofes” sendo “a causa de devastações físicas inauditas e de incalculáveis crimes e carnificinas” (MBEMBE, 2014, p. 11).

Diante desses breves exemplos de como a pandemia afeta a vida social, é possível verificar como há uma dessincronização entre a realidade apresentada e as medidas de isolamento impostas. Isso se dá com a necessidade de manter o isolamento ao mesmo tempo em que parte da população não tem condições de ficar isolada pois precisa trabalhar para garantir seu sustento. Assim, a intensificação do ritmo de vida não se encaixa no padrão de isolamento estabelecido pela pandemia. Nesse contexto, é possível verificar como a ideia de aceleração social proposta por Hartmut Rosa demonstra a realidade vivida e que sua teoria pode servir para explicar os fenômenos e as mudanças que ocorreram no decorrer da história da humanidade, bem como oportuniza verificar a relação entre a pandemia, como as medidas de isolamento, e a necessidade econômica que permeia a realidade de muitos que faz com que não possam estar na condição de isolados e protegidos do vírus.

### **Considerações finais**

Verifica-se que para Hartmut Rosa a existência da tríade crescimento, aceleração e adensamento de inovações, surge como a base de sua teoria da aceleração. A ressonância surge nos diversos aspectos da vida, como na relação com a natureza, a arte, a religião e outros contextos específicos. No atual contexto pandêmico, as relações de ressonância estão cada vez mais enfraquecidas, isso se dá

principalmente a partir das medidas de isolamento social, em que não há a possibilidade de contato com o outro, o que acaba resultando principalmente em problemas como ansiedade e depressão. Apesar de a tecnologia oportunizar o contato com outras pessoas, mesmo estando distante, não substitui as formas de interação humana tão importantes para a vida social.

Fatores como mudanças climáticas, políticas e sociais em escala global oportunizam o surgimento de novos agentes patógenos que podem causar danos à humanidade. A pandemia do Covid-19 surge em um contexto de grandes mudanças, e com isso a adaptação da população às novas medidas sanitárias se tornam mais difíceis. No Brasil é possível verificar essa dificuldade, principalmente com o atual governo que nega o potencial de morte do vírus. Além da crise sanitária, os brasileiros passam por uma crise política que resulta no grande número de mortes pela pandemia. Além do negacionismo reconhecido do governo, o descaso com as medidas de isolamento aumenta os casos de contaminação e a valorização da economia nessa situação demonstra a irrelevância do valor do ser humano para o governo.

Preciado demonstra como as transformações em relação à gestão do vírus estão mudando em escala planetária a forma como se compreende a soberania, considerando que as maneiras de segmentação político do mundo patriarco-colonial, como as formas de identidade sexual e racial, estão sendo desarticuladas. Assim, as formas de controle antes utilizadas contra estrangeiros e imigrantes estão sendo utilizadas como medidas de isolamento social para toda a população em face do enfrentamento ao vírus.

As desigualdades se tornam mais acentuadas com a pandemia, evidenciando os problemas da precarização dos trabalhos e da falta de respeito às determinações legais. As empregadas domésticas representam uma parcela da população que é diretamente afetada pela pandemia, tanto pelos patrões que muitas vezes não as liberam para ficar em casa respeitando as medidas de isolamento, quanto pelos grandes trajetos que fazem em transportes públicos lotados correndo maior risco de contaminação. Ainda, foi demonstrado que a situação nas favelas do país também é complexa, tendo em vista que em muitos locais sequer há acesso ao saneamento básico.

Desse modo, nota-se que a ideia da aceleração social de Rosa possibilita uma explicação sobre as mudanças da modernidade e é possível relacioná-lo ao

surgimento da pandemia do Covid-19, na medida em que as mudanças e as formas de consumo e de produção desenfreados afetam diretamente o meio ambiente e possibilitam, cada vez mais, o surgimento de agentes nocivos à saúde humana. As relações tornam-se assíncronas e cada vez mais estão escassas as formas de ressonância, cabendo à população se reinventar descobrindo novas formas de manter, principalmente a saúde mental, em um equilíbrio.

## Referências

BETIM, Felipe. El país. **No Brasil informal com coronavírus, domésticas dependem de altruísmo de patrões para evitar contágio.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-17/no-brasil-informal-com-coronavirus-domesticas-dependem-de-altruismo-de-patroes-para-evitar-contagio.html>. Acesso em 10 dez. 2020.

CASTRO, Fabio Caprio Leite de. Reflexões sobre a pandemia, a crise brasileira e um possível horizonte de ação. In: SCORALICK, Klinger. **Filosofia em confinamento.** Rio de Janeiro: Batuque, 2020, p. 97-103.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução Heci Regina Candiani – 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

FLACSO. **Trabalhadoras domésticas e a Covid-19 no Brasil.** Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=24255> Acesso em: 27 dez. 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

PRECIADO, PAUL B. Aprendiendo del vírus. AMADEO, Pablo. (Org.). **Sopa de Wuhan.** [S.L.]: ASPO, 2020, p. 163-185.

ROSA, Hartmut. **Aceleração:** a transformação das estruturas temporais na Modernidade. Traduzido por Rafael H Silveira; revisão técnica por João Lucas Tziminadis – São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. Aceleración social: consecuencias éticas y políticas de una sociedad de alta velocidad desincronizada. In: **Persona y Sociedad.** Universidad Alberto Hurtado. Vol. XXV, nº 1, 2011. p. 9-49.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHIERMER, Bjorn. **Aceleração e ressonância:** entrevista com Hartmut rosa. Tradução: Alberto Luis Cordeiro de Farias. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2019/06/Acelera%C3%A7%C3%A3o-e->

[resson%C3%A2ncia Entrevista-com-Hartmut-Rosa PDF.pdf](#) Acesso 26 dez. 2020.

THINK Olga. Relatório-manifesto **Mulheres em Tempos de Pandemia**: os agravantes de desigualdades, os catalisadores de mudanças. Disponível em: <https://thinkolga.squarespace.com/#introducao-section>. Acesso em 10 dez. 2020.

TZIMINADIS, João Lucas Faco. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. In: **Estudos Sociológicos**. Araraquara v.22 n.43 p.365-383 jul.-dez. 2017.

*Recebido em: 04/01/2021.*

*Aprovado em: 09/03/2021.*

*Publicado em: 24/06/2021.*